

CONCEPÇÕES MORAIS SOBRE A TOLERÂNCIA: UM ESTUDO COM ADOLESCENTES

*Hannah Lima Pinto^{ID1}, Mayra Loureiro de Lima^{ID2},
Felipe Queiroz Siqueira^{ID3}*

Resumo

A tolerância, virtude essencial para a convivência harmoniosa em sociedades democráticas, enfrenta novos desafios na era digital. Na perspectiva piagetiana, essa virtude articula-se à construção da autonomia, da cooperação e do respeito mútuo. Todavia, atualmente, a facilidade de comunicação nas redes sociais tem promovido uma tendência crescente entre adolescentes de adotar discursos contrários à tolerância. O objetivo geral deste estudo é investigar as concepções de adolescentes sobre a virtude da tolerância em Fortaleza-CE. Participaram do estudo oito adolescentes residentes nessa cidade, com faixa etária entre 11 a 15 anos. A amostra foi composta pelo critério de conveniência. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas individuais com os participantes. Submeteram-se as respostas e as justificativas dos participantes a uma análise de conteúdo. Os dados revelaram que as concepções dos jovens sobre a tolerância oscilaram entre a confusão com o conceito de intolerância, a percepção de que tolerar implica aceitar situações adversas e a sua caracterização enquanto uma virtude. Os exemplos mencionados abordaram os seguintes temas: suportar algo de que não gosta, intolerância religiosa, sexualidade/gênero, expressão de outras virtudes e resiliência. Conclui-se que a tolerância é um conceito multifacetado e que sua interpretação pode ser influenciada pelo contexto social e por peculiaridades individuais. É importante promover a educação voltada para a tolerância, empregando estratégias para incentivar o desenvolvimento moral dos jovens.

Palavras-chave: moral; adolescência; virtudes; tolerância.

MORAL CONCEPTIONS ABOUT THE TOLERANCE: A STUDY WITH ADOLESCENTS

Abstract

Tolerance, an essential virtue for harmonious coexistence in democratic societies, faces new challenges in the digital age. From a Piagetian perspective,

¹Graduada em Psicologia pela Universidade Christus. Residência (em curso) no Hospital Universitário Walter Cantídio (HUWC). Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: hannahlimapsi@hotmail.com

²Graduanda em Psicologia pela Universidade Christus. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: mayraloureiro123@gmail.com

³Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente do curso de Psicologia da Universidade Christus. Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: felipeqsiqueira@gmail.com



this virtue is linked to the construction of autonomy, cooperation, and mutual respect. However, currently, the ease of communication on social networks has promoted a growing tendency among adolescents to adopt discourses contrary to tolerance. The general objective of this study is to investigate adolescents' conceptions of the virtue of tolerance in Fortaleza, Ceará, Brazil. Eight adolescents from this city, aged between 11 and 15 years, participated in the study. The sample was composed by convenience criteria. Individual semi-structured interviews were conducted with the participants. Their responses and justifications were submitted to content analysis. The data revealed that the young people's conceptions of tolerance fluctuated between confusion with the concept of intolerance, the perception that tolerating implies accepting adverse situations, and its characterization as a virtue. The mentioned examples addressed the following themes: enduring something disliked, religious intolerance, sexuality/gender, expression of other virtues, and resilience. It is concluded that tolerance is a multifaceted concept and its interpretation can be influenced by social context and individual peculiarities. It is important to promote education focused on tolerance, employing strategies to encourage the moral development of young people.

Keywords: moral; adolescence; virtues; tolerance.

CONCEPCIONES MORALES SOBRE LA TOLERANCIA: UN ESTUDIO CON ADOLESCENTES

Resumen

La tolerancia, virtud esencial para la convivencia armoniosa en sociedades democráticas, enfrenta nuevos desafíos en la era digital. Desde la perspectiva piagetiana, esta virtud se articula con la construcción de la autonomía, la cooperación y el respeto mutuo. Sin embargo, actualmente, la facilidad de comunicación en las redes sociales ha promovido una tendencia creciente entre los adolescentes a adoptar discursos contrarios a la tolerancia. El objetivo general de este estudio es investigar las concepciones de los adolescentes sobre la virtud de la tolerancia en Fortaleza, Ceará, Brasil. Participaron en el estudio ocho adolescentes de esta ciudad, con edades comprendidas entre los 11 y los 15 años. La muestra se compuso por criterio de conveniencia. Se realizaron entrevistas semiestructuradas individuales con los participantes. Las respuestas y justificaciones de los participantes se sometieron a un análisis de contenido. Los datos revelaron que las concepciones de los jóvenes sobre la tolerancia oscilaron entre la confusión con el concepto de intolerancia, la percepción de que tolerar implica aceptar situaciones adversas y su caracterización como una virtud. Los ejemplos mencionados abordaron los siguientes temas: soportar algo que no gusta, intolerancia religiosa, sexualidad/género, expresión de otras virtudes y resiliencia. Se concluye que la tolerancia es un concepto polifacético y que su interpretación puede estar influenciada por el contexto social y por



peculiaridades individuais. Es importante promover una educación orientada a la tolerancia, empleando estrategias para incentivar el desarrollo moral de los jóvenes.

Palabras clave: moral; adolescencia; virtudes; tolerancia.

1. Introdução

A tolerância é considerada uma virtude fundamental para a convivência entre os indivíduos. Trata-se de um conceito filosófico central para mediar os conflitos inerentes às sociedades pluralistas contemporâneas. Além disso, por estar intrinsecamente ligada ao respeito às diversidades (Comte-Sponville, 2020), a prática da tolerância torna-se um pilar para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Vale destacar, contudo, que os limites da tolerância devem ser estabelecidos precisamente onde a intolerância se manifesta (Forst, 2009). Isso significa que permitir a livre propagação de discursos intolerantes, sem quaisquer restrições, pode aniquilar o próprio princípio que os sustenta. Portanto, a especificação desses limites não é uma negação da liberdade, mas uma medida de preservação do pluralismo democrático.

A perspectiva construtivista tem servido de base para o estudo de variadas virtudes morais (Dellazzana-Zanon *et al.*, 2013). Nesse cenário, a tolerância ganha destaque ao lado de outros temas, tais como a justiça (Abreu *et al.*, 2022), a autocompaixão (Pereira; Souza; Silva, 2024), o amor (Alves; Alencar; Ortega, 2021) e a gratidão (Freitas *et al.*, 2022).

A relevância de investigar virtudes como a tolerância reside, conforme La Taille (2001), no papel decisivo que elas desempenham na constituição da moralidade. Para o autor, as virtudes compõem o caráter do indivíduo, que pode ser compreendido como uma leitura ética da personalidade. Nesse sentido, estudar a tolerância sob a ótica construtivista significa examinar as representações de si vinculadas a esse valor, ou seja, investigar como o respeito ao pluralismo é integrado à identidade do sujeito.

Considerando que a personalidade moral se estrutura a partir das representações de si, a adolescência emerge como um período crucial para o fortalecimento da tolerância. É nessa fase que a construção da identidade atinge seu ápice, tornando os jovens particularmente sensíveis às dinâmicas de aceitação ou rejeição de grupos minoritários (Silva *et al.*, 2021). No cenário contemporâneo, a ampla acessibilidade às redes sociais e a rapidez na disseminação de informações têm contribuído para a amplificação de discursos marcados pela intolerância entre adolescentes (García, 2021). Todavia, conforme Freitas e Siqueira (2024), essa tendência deve ser analisada a partir das especificidades do desenvolvimento dos jovens, entendendo-se que a

expressão de visões impulsivas ou radicais muitas vezes não reflete um caráter consolidado, mas sim parte da construção da identidade e do desejo de pertencimento.

Conforme a perspectiva piagetiana, o desenvolvimento moral na adolescência é compreendido como um movimento em direção à autonomia. Esse processo, que se inicia por volta dos 11-12 anos, tende a atingir um patamar de equilíbrio em torno dos 14-15 anos (Piaget, 1994). Diferentemente da infância, em que a moralidade costuma ser predominantemente heterônoma, o adolescente desenvolve a capacidade de elaborar suas próprias normas através do respeito mútuo e da reciprocidade. Esse fenômeno é essencial para se pensar sobre a tolerância, uma vez que, como apontam Nakano e Oliveira (2018), é por meio dessas trocas sociais e da valorização do “outro” como igual que o jovem constrói uma personalidade moral capaz de sustentar o diálogo e o respeito às diversidades no cenário plural atual. Vale destacar que a temática da diversidade é fundamental no contexto escolar (Barreiros; Brêtas, 2024).

A virtude da tolerância admite uma multiplicidade de interpretações e manifestações (Lima; Siqueira, 2024), o que evidencia sua natureza complexa. Por não ser um atributo simples ou unidimensional, a capacidade de respeitar as diferenças constitui um processo gradual de internalização de princípios éticos. Esse cenário ressalta a importância de estratégias educativas voltadas para a formação ética, fundamentais para que o sujeito desenvolva uma subjetividade genuinamente aberta ao pluralismo e ao respeito ao outro.

Diante disso, é fundamental investigar as concepções de adolescentes sobre a tolerância. Tal investigação permite compreender o desenvolvimento dessa virtude e, conseqüentemente, contribuir para a ampliação de conhecimentos na área da Psicologia do Desenvolvimento e suas implicações no campo educacional. Tal investigação justifica-se pela necessidade de ampliar o diálogo entre os processos psicológicos e as práticas pedagógicas, fornecendo subsídios teóricos que auxiliem na compreensão da moralidade na perspectiva construtivista. Ademais, a partir do estudo, busca-se fundamentar estratégias educacionais (Couto *et al.*, 2019) capazes de fomentar o desenvolvimento moral e a convivência democrática no ambiente escolar. Dito isso, o objetivo geral deste estudo é investigar as concepções de adolescentes sobre a virtude da tolerância em Fortaleza-CE. Os objetivos específicos consistem em: 1) identificar as definições de tolerância expressas nos relatos dos adolescentes; e 2) classificar os exemplos de tolerância descritos pelos jovens.

2. Metodologia

2.1 Participantes

Participaram do estudo oito jovens do município de Fortaleza-CE, com faixa etária entre 11 e 15 anos, sendo seis meninas e dois meninos. A



composição da amostra foi feita por conveniência. Os critérios de inclusão foram: 1) estar na faixa etária da adolescência; 2) residir na cidade de Fortaleza-CE; e 3) estudar em uma instituição de ensino — pública ou privada — localizada nesta mesma cidade. Os critérios de exclusão foram: 1) estudar apenas em *homeschooling*; 2) ser aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA); 3) residir fora de Fortaleza-CE.

Alguns participantes foram contatados individualmente. Entretanto, a maior parte foi acessada por meio de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada em uma área urbana de Fortaleza-CE. A infraestrutura da escola incluía salas de aula e de atendimento especial, laboratório de informática, biblioteca e quadras esportivas. Além disso, a escola oferece programas educacionais, como iniciação científica, jornadas acadêmicas e projetos de inclusão. Essas características tornaram a escola um ambiente adequado para a realização do estudo, garantindo um contexto educacional diversificado e representativo.

2.2 Instrumentos

No presente estudo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais (Yalçın, 2021) com os participantes. O roteiro da entrevista baseou-se na pesquisa de La Taille *et al.* (1998) e contempla: 1) definições de tolerância; 2) exemplos dessa virtude. Utilizaram-se as seguintes perguntas: 1) "O que é tolerância?"; 2) "Você conhece a palavra tolerância?"; 3) "Como é ser uma pessoa tolerante?"; 4) "Você poderia dar exemplos de tolerância?".

A entrevista semiestruturada proporciona ao pesquisador a possibilidade de realizar uma combinação de perguntas fechadas e abertas para esclarecer ou obter informações adicionais, permitindo que o entrevistado discorra sobre o tema proposto (Guazi, 2021). O pesquisador não fixou previamente respostas ou condições, permitindo ao entrevistado a livre expressão de seus pensamentos e opiniões.

2.3 Coleta de dados

Inicialmente, conduziu-se um estudo piloto com dois participantes para aprimorar os instrumentos de coleta de dados. Em seguida, procedeu-se à coleta principal, envolvendo os adolescentes. O contato foi estabelecido de duas maneiras: diretamente com os participantes e responsáveis ou por intermediação da escola.

O primeiro modo de coleta de dados ocorreu em ambientes e horários previamente acordados diretamente com os participantes e seus responsáveis, após a explicitação dos objetivos da pesquisa e de sua importância. As entrevistas foram realizadas em suas residências ou na escola que frequentam.

O contato com os responsáveis foi estabelecido por conveniência. A escolha do local da coleta adotou como critérios a facilidade de acesso para os participantes, bem como a garantia de sigilo e conforto. Assim, uma das coletas foi realizada na escola de um dos participantes, durante o contraturno, enquanto a outra ocorreu em sua residência.

A segunda forma de coleta foi realizada com a intermediação de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada na cidade de Fortaleza-CE. Nesse caso, entrou-se em contato com o coordenador da instituição, que facilitou o acesso aos alunos e disponibilizou a realização de um contato inicial com as turmas de 9º ano. Nesse momento, explicaram-se a pesquisa, sua finalidade e importância, além de entregar-se um folder com as principais informações sobre o estudo. Uma semana após o contato, realizaram-se as entrevistas, na sala de informática disponibilizada pela equipe do colégio. Os alunos foram entrevistados durante o turno da manhã. As entrevistas tiveram uma duração média de 10 minutos e foram gravadas e posteriormente transcritas. Realizou-se um total de seis entrevistas na instituição. Para participar da pesquisa, os estudantes precisaram trazer o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado por um dos pais ou responsáveis. No momento da entrevista, os adolescentes assinaram o Termo de Assentimento.

2.4 Análise de dados

Submeteram-se as respostas e as justificativas dos participantes a uma análise de conteúdo (Cardoso; Oliveira; Ghelli, 2021), a qual se subdividiu em três fases: pré-análise, análise do material e tratamento dos resultados. A exploração do material envolveu a leitura do conteúdo, buscando identificar padrões. O tratamento dos resultados consistiu na seleção dos achados, com o intuito de significá-los em suas reais contribuições. Após a criação das categorias, foi realizado um levantamento da frequência das respostas e justificativas dos participantes.

2.5 Considerações éticas

Este estudo seguiu as diretrizes e normas das seguintes resoluções: Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012; e Resolução n.º 510, de 7 de abril de 2016. O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Christus, o qual foi aprovado com o parecer número 6.093.309 [CAAE 69422223.9.0000.5049]. Somente após a aprovação, os pais ou responsáveis legais assinaram, em duas vias, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os jovens assinaram, também em duas vias, o Termo de Assentimento. A direção da escola participante assinou o Termo de Anuência.

Os participantes tiveram o direito de escolher participar ou não da pesquisa, sendo sua saída assegurada a qualquer momento. O conteúdo do projeto foi claramente explicitado a todas as partes envolvidas. A pesquisa foi classificada como de risco mínimo. As perguntas dos instrumentos de coleta de dados foram elaboradas de forma a evitar desconfortos aos participantes. A privacidade e o sigilo da identidade dos responsáveis e dos jovens foram garantidos.

Na publicação e divulgação dos resultados, os participantes não foram identificados por seus nomes. Dados individuais dos participantes não foram informados aos familiares. A participação neste projeto não envolveu benefícios financeiros aos participantes, mas contribuiu para acrescentar à literatura dados relevantes sobre o tema, direcionando ações voltadas para a promoção da saúde.

3. Resultados

Os resultados serão apresentados em categorias que refletem os objetivos deste trabalho, organizando os dados de forma a proporcionar uma análise estruturada. Os participantes serão identificados pela letra "P" seguida por números, de 1 a 8, garantindo a confidencialidade e facilitando a referência aos dados específicos de cada indivíduo. Por exemplo, o primeiro participante será identificado como P1 e assim por diante.

Desse modo, os achados do estudo serão mostrados inicialmente no tópico "Definições de Tolerância", no qual será apresentado como os participantes definem a virtude da tolerância, a partir das respostas e justificativas dos adolescentes. Em seguida, no tópico "Exemplos de Tolerância", serão apresentados exemplos práticos de atos de tolerância fornecidos pelos participantes, incluindo os contextos em que esses exemplos ocorrem, como na escola, em casa ou na comunidade.

3.1 Concepções de tolerância

As concepções de tolerância referem-se às respostas dos participantes às seguintes perguntas: "O que é a tolerância?", "Você conhece a palavra 'tolerância'?" e "Como é ser uma pessoa tolerante?". Ao serem perguntados se conheciam a palavra "tolerância", todos os participantes responderam positivamente. Seguem algumas ilustrações de respostas dos adolescentes: "Sim" (P1); "Já" (P2); e "Assim, eu conheço a palavra, mas não sei o que é" (P7).

Entretanto, ao tentarem defini-la, surgiram padrões distintos de respostas. A primeira categoria foi "confusão com intolerância", a qual enfatiza a ultrapassagem do direito do outro e a imposição de suas crenças aos demais,

enquadrando-se no termo “intolerância”. Um adolescente afirmou que a tolerância pode ser conceituada como “não aguentar”, “não gostar de certas coisas” e “ser desrespeitosa” (P1).

A segunda foi a de “aceitação de situações negativas”, remetendo à concepção de aguentar coisas ruins, associadas a sentimentos como medo e insegurança. Os participantes relataram que tolerância significa “aceitar as coisas, mesmo que você não queira” (P6), sendo personificada em uma “pessoa que não puxa intriga com outras” (P3) e “uma pessoa que aguenta muito” (P7).

A terceira categoria foi “associação com virtude”. Um adolescente relatou não saber responder à definição de tolerância, no entanto, ao responder outro questionamento, associou essa virtude à gentileza, à humildade e ao respeito, afirmando que “tem que ser gentil, tem que ser humilde, tem que ter respeito pelas pessoas” (P8). A Tabela 1, a seguir, apresenta a distribuição de frequências de cada uma das categorias.

Tabela 1 - Frequência das categorias relativas à definição de tolerância

Categorias	<i>n</i>	%
Confusão com intolerância	2	25
Aceitação de situações negativas	5	62,5
Associação com virtude	1	12,5
Total	8	100

Fonte: Próprios autores

3.2 Exemplos de tolerância

Os adolescentes, ao serem solicitados a dar exemplos de tolerância, apresentaram diferentes temas. Alguns relatos indicaram que a tolerância é frequentemente exemplificada por meio de práticas sociais, com comparações a ambientes familiares e escolares: “a minha vó, ela é bem chatinha, reclama de muita coisa, e eu tolero tudo que ela fala” (P5); “O exemplo é de alguns professores, que eles têm que tolerar os alunos todo dia” (P4). De forma geral, essas situações mencionadas abordaram pessoas precisam suportar algo de que não gostam.

Alguns participantes trouxeram exemplos vinculados à noção de intolerância, como uma pessoa que “não gosta de certas coisas” (P2). Nesse caso, mencionou-se inclusive a intolerância religiosa: “quando a pessoa tem uma religião diferente da sua, tipo umbanda. Acontece muito, até na igreja cristã, entre católicos e evangélicos, quando não respeita, ou não acredita naquele outro Deus, e acha que tem direito de maltratar, invalidar” (P1).

A tolerância também foi relacionada à questão de sexualidade/gênero. No entanto, isso apareceu de diferentes maneiras. Um participante relacionou a tolerância com o simples fato de não condenar, mesmo não apoiando: “eu não apoio a comunidade LGBT, mas eu também não vou criticar” (P3). De forma distinta, um adolescente exemplificou a tolerância de forma mais complexa, demonstrando preocupação com as outras pessoas: “tolerar uma sexualidade é bom né, porque a pessoa não quer que a outra fique chateada” (P4).

Um adolescente disse que a tolerância reside em ser polido com as outras pessoas, como: “tipo, pedir por favor, dar bom dia, dar boa noite” (P8). Todavia, acrescentou que essa polidez deve ser uma forma de expressão de outras virtudes: “tem que ser gentil, tem que ser humilde, tem que ter respeito pelas pessoas [...] porque com respeito, acho que é respeito né, com respeito o mundo consegue ser melhor” (P8).

A tolerância também foi apresentada como uma espécie de resiliência. Nesse sentido, um adolescente ilustrou essa virtude como “uma pessoa que aguenta, sei lá, muitas perdas, muitos sentimentos ruins” (P7). Nesse mesmo sentido, outro adolescente mencionou: “não sei, uma pessoa que sofre bullying e não fala pra ninguém” (P6).

4. Discussão

A partir dos resultados, é possível perceber que os adolescentes consideram a tolerância como um conceito multifacetado, o que corrobora estudos anteriores (e.g., Lima; Siqueira, 2024). A tolerância foi compreendida de maneiras diversas pelos jovens. As respostas refletem como os pensamentos e sentimentos morais são organizados pelos indivíduos a partir de suas próprias experiências nas interações sociais (Aleixo *et al.*, 2022). Observou-se que parte dos adolescentes associou a tolerância à anuência de situações negativas, conferindo-lhe um caráter virtuoso. Em contrapartida, houve relatos que evidenciaram confusão terminológica, confundindo os limites entre as noções de tolerância e intolerância.

Esse fenômeno ilustra como a interpretação do termo pode ser influenciada pelo contexto social e por peculiaridades individuais, moldada por experiências pessoais e estratégias de enfrentamento. Nesse sentido, a interação social e a equilibrção das experiências ativas com o meio possibilitam a organização interna do sujeito e a consequente estruturação da realidade. Conforme Aleixo *et al.* (2022), trata-se de uma construção interna, mas dependente das interações contínuas entre o indivíduo e os objetos de conhecimento.

A definição de tolerância é influenciada por fatores sociais e culturais, além das interações com familiares, amigos e educadores, evidenciando o papel significativo desses elementos na formação da identidade durante a adolescência. Assim, o fato de os adolescentes terem mencionado a intolerância

em seus discursos sugere um reflexo da realidade brasileira, caracterizada por acentuadas disparidades sociais (Negri, 2024). Para Lima (2024) e García (2021), essa configuração social acaba por balizar as experiências e as interpretações dos sujeitos acerca da tolerância e de seus limites.

De modo geral, a análise das categorias revela que a compreensão da tolerância pelos adolescentes não é algo estático, mas um processo em construção que, conforme Piaget (1994), reflete a transição e o conflito entre a moralidade heterônoma e o desenvolvimento da autonomia. Isso explica por que muitos dos jovens veem a tolerância como uma obrigação de aguentar alguém ou obedecer para manter a ordem, em vez de entendê-la como um valor escolhido livremente para respeitar as diferenças. Assim, a reflexão sobre as categorias evidencia que a formação do caráter moral exige que o adolescente não apenas conheça o termo, mas consiga coordenar perspectivas sociais complexas para diferenciar o pluralismo ético da mera complacência com a injustiça.

Nesse sentido, a construção da moralidade não ocorre de forma isolada, mas sim a partir das interações sociais que balizam as duas tendências apresentadas por Piaget: a moral heterônoma e a autônoma. Embora a adolescência seja o período de consolidação da autonomia, as disparidades sociais mencionadas por Negri (2024) podem reforçar posturas heterônomas. Como esclarecem Nakano e Oliveira (2018), essa coexistência de estágios explica por que o indivíduo pode oscilar entre o respeito à autoridade e a cooperação, evidenciando que o desenvolvimento moral é um processo dinâmico e contínuo.

Nesse contexto, as práticas culturais estão profundamente ligadas à nossa construção subjetiva, o que também pode explicar a frequente referência à tolerância/intolerância religiosa, especialmente na comparação entre religiões de matriz africana e religiões cristãs. No dia a dia, usualmente são utilizados termos como "intolerância religiosa" e "intolerância à lactose", o que facilita uma confusão conceitual. Além disso, a questão da sexualidade é uma temática comum entre os adolescentes, e que é frequentemente discutida no contexto da tolerância. Esses exemplos ilustram como essa virtude se manifesta em diversas situações cotidianas, reforçando a importância dessa virtude na promoção de uma convivência mais inclusiva e respeitosa. Preparar os jovens para exercer a cidadania em uma sociedade democrática inclui promover uma sensibilização em relação aos aspectos sociais (Negri, 2024).

Desse modo, observa-se que alguns jovens vincularam a tolerância à ideia de respeito, o que demonstra a percepção deles sobre a indissociabilidade entre as virtudes. De acordo com La Taille (2006), as virtudes podem ser compreendidas a partir da premissa de uma integração mútua, revelando que tais valores estão interligados e apresentam variados tipos de intersecções. Nesse sentido, múltiplas vertentes podem ser delineadas a partir das construções do sujeito diante de sua realidade social e das possibilidades de que dispõe para significar o mundo e consolidar seu desenvolvimento moral, orientando, assim, os seus julgamentos (Nakano; Oliveira, 2018).

Na fala de alguns adolescentes, a tolerância manifestou-se como uma forma de resiliência. Esse achado é relevante, pois remete às ideias de Mamlok (2023), que argumenta sobre a existência de diversas iniciativas, como o Dia Internacional da Tolerância, voltadas para a construção de resiliência contra diferentes tipos de ódio e para a promoção da abertura e aceitação do próximo. Nesse contexto, o autor sustenta que a tolerância é vista como um instrumento para resistir à hostilidade, aumentar a compreensão das diferenças culturais, mitigar a violência e preservar os valores democráticos.

Vale destacar que os adolescentes não delimitaram espontaneamente as fronteiras da tolerância em seus relatos. Contudo, conforme Forst (2009) e Comte-Sponville (2020), essa virtude é intrinsecamente limitada: uma tolerância irrestrita resultaria em sua própria anulação ao permitir a ascensão da intolerância. Diferente de afetos como o amor, a tolerância exige o discernimento entre o pluralismo respeitoso e a passividade diante do intolerável. Portanto, a ausência dessa distinção entre os jovens reforça a urgência de práticas educativas que fomentem uma autonomia moral capaz de preservar a essência democrática da tolerância.

5. Considerações finais

Este estudo teve como objetivo geral investigar as concepções de adolescentes sobre a virtude da tolerância em Fortaleza-CE. Os principais achados demonstram que, embora a tolerância seja reconhecida como base para a mediação de conflitos, sua complexidade conceitual ainda gera dúvidas no pensamento juvenil, especialmente no que tange à distinção entre a convivência democrática e a passividade.

Os resultados reforçam a urgência de estratégias pedagógicas (Couto *et al.*, 2019) voltadas ao desenvolvimento moral. A educação para a tolerância não deve se restringir à celebração da diversidade, mas incluir, necessariamente, o debate sobre os seus limites éticos. Tais práticas são essenciais para capacitar os jovens ao exercício da cidadania, permitindo o enfrentamento de preconceitos e a promoção da justiça social em contextos de desigualdade (Negri, 2024).

Apesar das contribuições, o estudo apresenta limitações, como o caráter exploratório e a amostra restrita a oito participantes, o que impede generalizações. Além disso, o foco exclusivo na adolescência deixa lacunas sobre o desenvolvimento da tolerância em outros períodos da vida. Portanto, indicam-se investigações futuras com amostras ampliadas e estudos de caráter comparativo, especialmente com a infância, a fim de se compreender melhor a gênese e construção da tolerância ao longo do ciclo vital.

REFERÊNCIAS

ABREU, Eloá Losano de; RIQUE, Julio; CAMINO, Cleonice. Julgamentos de justiça e perdão no desenvolvimento moral. **Psicologia Argumento**, [s. l.], v. 40, n. 109, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/psicolargum40.109.AO04>. Acesso em: 30 mar. 2026.

ALEIXO, Ana Carolina Mexia et al. O preconceito de classe social no livro didático: um estudo apoiado na Epistemologia Genética. **Conjecturas**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 779–791, 2022. DOI: 10.53660/CONJ-542-808.

ALVES, Ariadne Dettmann; ALENCAR, Heloisa Moulin de; ORTEGA, Antônio Carlos. Amor e generosidade: Influência do vínculo para adolescentes. In: PESSOTTI, Alice Melo et al. (org.). **Psicologia da moralidade**: Interfaces, reflexões e pesquisas. [S. l.]: Editora Bagai, 2021. p. 77–94.

BARREIROS, Douglas; BRÊTAS, José Roberto da Silva. "É tudo ser humano": invisibilizando a diversidade sexual em contexto escolar. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, [S. l.], v. 11, n. 26, p. 75–91, 2024. DOI: 10.55028/pdres.v11i26.19353. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/19353>. Acesso em: 30 mar. 2026.

CARDOSO, Maria Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. Análise de conteúdo: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Cadernos Da FUCAMP**, [s. l.], v. 20, n. 43, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em: 30 mar. 2026.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

COUTO, Leandra Lúcia Moraes; LIMA, Mayara Gama de; ALENCAR, Heloisa Moulin de. **Como elaborar projetos de educação em valores morais**. [S. l.]: Paco Editorial, 2019.

DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato et al. Pesquisas Sobre Desenvolvimento Moral: Contribuições da Psicologia Brasileira. **Psico**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 342–351, 2013.

FORST, Rainer. Os limites da tolerância. **Novos Estudos - CEBRAP**, [s. l.], n. 84, p. 15–29, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0101-33002009000200002>. Acesso em: 30 mar. 2026.

FREITAS, Lia Beatriz de Lucca et al. How weird is the development of children's gratitude in the United States? Cross-cultural comparisons. **Developmental Psychology**, [s. l.], v. 58, n. 9, p. 1767–1782, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/dev0001383>. Acesso em: 30 mar. 2026.

FREITAS, Elysangela Nascimento; SIQUEIRA, Felipe Queiroz. Fatores de risco e proteção ao suicídio na adolescência: uma revisão sistemática. **Revista Interagir**, [s. l.], n. 127, p. 11-13, 2024.

GARCÍA, Francisco José Sánchez. El lenguaje xenófobo en el discurso de los adolescentes en redes sociales: Análisis y propuestas de trabajo en el aula. **Didáctica Lengua Y Literatura**, [s. l.], v. 33, p. 121–131, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/dida.77661>. Acesso em: 30 mar. 2026.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação Pesquisa e Inclusão**, [s. l.], v. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v2i0.7131>. Acesso em: 30 mar. 2026.

LA TAILLE, Yves de. de. Desenvolvimento moral: a polidez segundo as crianças. **Cadernos de Pesquisa**, [s. l.], n. 114, p. 89–119, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-15742001000300004>. Acesso em: 30 mar. 2026.

LA TAILLE, Yves de. A importância da generosidade no início da gênese da moralidade na criança. **Psicologia Reflexão e Crítica**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 9–17, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-79722006000100003>. Acesso em: 30 mar. 2026.

LA TAILLE, Yves de et al. **As Virtudes morais segundo as crianças**. São Paulo: Instituto de Psicologia USP, 1998. Relatório Científico FAPESP não publicado.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Theories in Social Psychology: Intra-individual Explanations in the Racism Analysis in Brazil. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 34, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3403>. Acesso em: 30 mar. 2026.

LIMA, Mayra Lima de; SIQUEIRA, Felipe Queiroz. A tolerância no contexto educativo de crianças: Uma revisão de escopo de artigos nacionais. **Schème - Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas, Marília**, v. 16, n. 1, p. 143–166, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1984-1655.2023.v15n1.p143-166>. Acesso em: 30 mar. 2026.

MAMLOK, Dan. The quest to cultivate tolerance through education. **Studies in Philosophy and Education**, [s. l.], v. 42, n. 3, p. 231–246, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11217-023-09874-8>. Acesso em: 30 mar. 2026.



NAKANO, Joana Virginia Campana; OLIVEIRA, Francismara Neves de. O desenvolvimento moral e a noção de justiça em pesquisas brasileiras apoiadas na perspectiva piagetiana: revisão de literatura. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, Marília, v. 10, n. 1, p. 60–86, 2018. DOI: 10.36311/1984-1655.2018.v10n1.04.p60.

NEGRI, Stefania de Resende. O fenômeno da responsabilidade social na educação escolar: influências na oferta educativa e nas demandas parentais das classes privilegiadas. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, Naviraí, v. 11, n. 28, p. 411–431, jul./set. 2024.

PEREIRA, Mara Dantas; SOUZA, Luciana Karine de; SILVA, Joilson Pereira da. Autocompaixão e dislexia em universitários: história de leitura, autoeficácia e ansiedade. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, [s. l.], v. 18, n. 52, p. 358-379, 2024.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

SILVA, José Carlos Pacheco da et al. Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 26, n. 7, p. 2643–2652, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08332021>. Acesso em: 30 mar. 2026.

YALÇIN, Vakkas. Moral Development in Early Childhood: Benevolence and Responsibility in the Context of Children's Perceptions and Reflections. **Educational Policy Analysis and Strategic Research**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 154-173, 2021.

Responsabilidade Editorial: Célia Regina de Carvalho.
Recebido em: 30 de março de 2026.
Aceito em: 16 de abril de 2026.
Publicado em: 31 de julho de 2026.